

Calebe Guerra



BiYiNiao do Livro



TRAGÉDIA NO ARMÁRIO

Ilustrações de Diego Carvalho

Calebe Guerra



BiYiNiao do Livro

TRAGÉDIA NO ARMÁRIO

Ilustrações de Diego Carvalho



Ele era um menino-camaleão dócil.

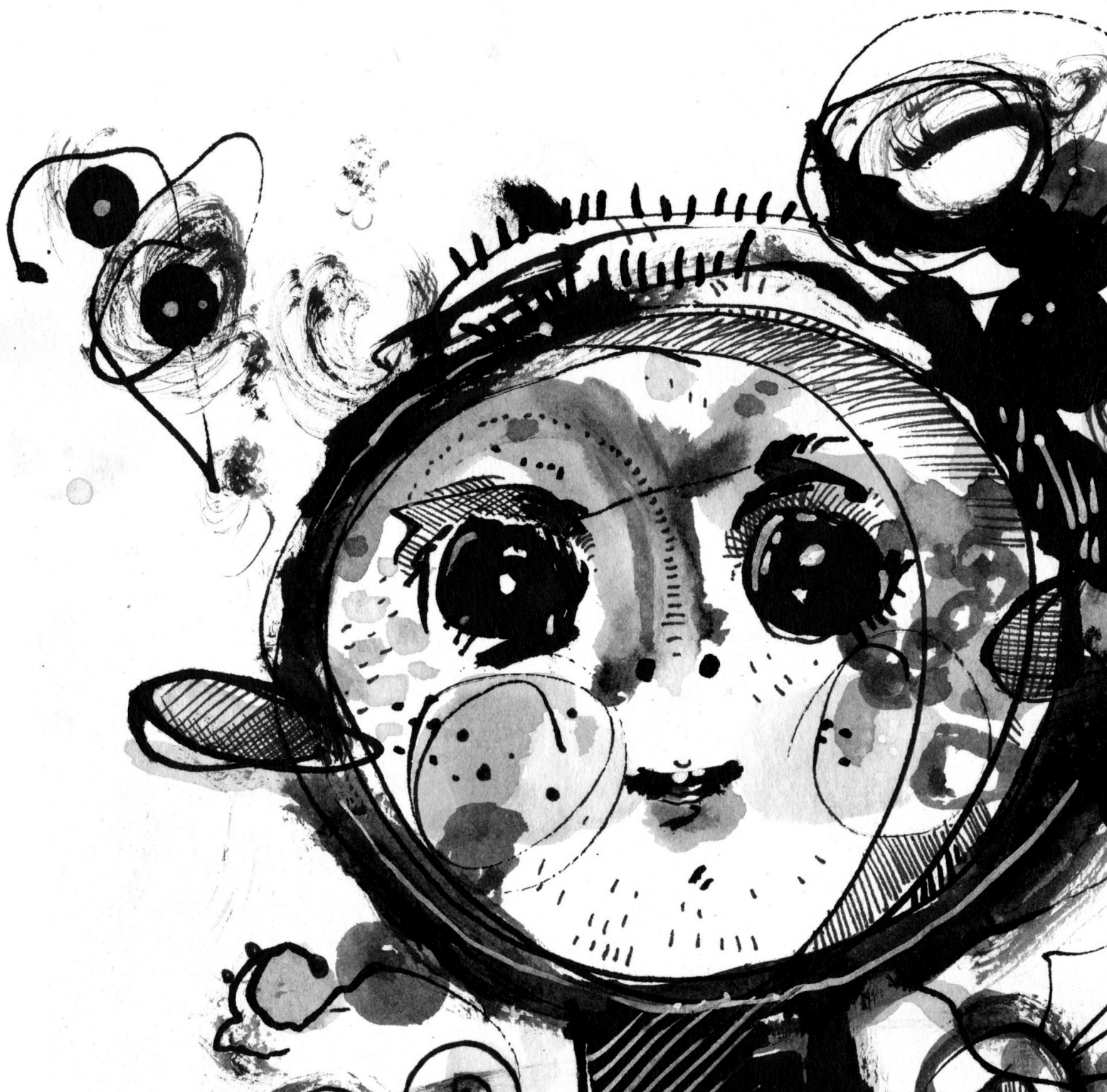
Aprendeu desde cedo que, se conseguisse desenrolar suas escamas e formar imagens diversas que o tornassem imperceptível na paisagem ao redor, seja ela qual fosse, com pelo menos dois terços de convencimento e naturalidade, não precisaria usar palavras. Então passou a vida fugindo do enfado de ter que verbalizar a própria existência.

Palavras quase nunca servem para agregar, e, às vezes, sugam a vida silenciosa do solo como ervas daninhas barulhentas e assassinas. A ideia sustentada pelo menino-camaleão era que a maioria dos pensamentos rima com fina perfeição se tão somente permanecerem restritos ao coração, estritamente *enguardaroupados*, e não forem exibidos por aí na passarela dos ruídos enxovalhados que o mundo moderno se tornou.

Para o menino-camaleão, os dias perfeitos são aqueles que se esvaem em silêncio, como um hóspede que chega sem ser anunciado, permanece sem ser notado e vai embora sem despedir-se.

“Que bela seria a vida se não houvesse a necessidade de dizer nada”, suspirava. Em sua utopia, o Silêncio era a terra prometida, encarnação do próprio Deus Pai, chamado Repouso Eterno. Nesse refúgio sagrado, ruídos seriam repudiados por todos, e a gritaria se tornaria um crime passível de pena capital.

Os “bons dias” e as “boas tardes”, seguidos dos “boas noites”, seriam profanações heréticas, sussurradas apenas nos becos sombrios das grandes cidades, entre os marginalizados e esquecidos — gente detestavelmente barulhenta, que o Deus do Repouso Eterno tenha misericórdia.





A paz que o menino-camaleão desejava era muda.

“Quem ama não precisa falar que ama e nem o que sente! Amor é atitude, não triagem de hospital!”, afirmava ele. “E outra, pense comigo! Existe algo mais ridículo do que pedir perdão?”, ironizava o menino-camaleão consigo mesmo. “Você já me roubou a paz de espírito ao me machucar, e agora eu ainda preciso te dar mais uma coisa após ter sofrido eu mesmo o dano dos seus atos?”, lamentava. “O mundo jaz pútrido no caos criado pelos que falam demais, pedem demais, se justificam demais, mentem demais, teorizam demais, discutem demais, se declaram demais”, esbravejava, agora em lágrimas.

Então, o menino-camaleão, percebendo seus excessos palavrosos, agitava-se mais uma vez em desespero pela casa, recolhendo todas as palavras que acabara de proferir e, levando-as ao quarto, socava-as todas no guarda-roupas ao lado de sua cama. “Que displicência! Que tristeza. Que desperdício de calma e de paz interior”, lamentava, já arrependido de ter dito o que achou desnecessário para reafirmar o que foi dito.

O céu que o menino-camaleão desejava era silencioso.

Tímpano sem vibrar seria o Nirvana, conquistado após muitos anos de esforço e disciplina contínuos e ininterruptos, e todas as pessoas estariam dedicadas a alcançá-lo. Contar nos dedos cada uso acidental de suas cordas vocais era seu esporte favorito. Seu prêmio? O tesouro da monotonia enterrado dentro de si. Seu alvo, sua obsessão, seu amor maior diante do espelho.

E a calma do eternamente exaltado silêncio no fim do dia só era possível se todas as palavras ditas ou jamais pronunciadas fossem estocadas e esquecidas.



EPÍLOGO

Um dia, a porta do guarda-roupas do menino-camaleão acabou cedendo, e o pior aconteceu. Os peritos forenses concluíram que a tragédia se passou de madrugada, causada pelo desmoronamento das palavras empilhados sem organização. “Como todos sabem, não existe nada mais difícil de arrumar que os advérbios”, dizia o delegado para os jornalistas de plantão.

Depois de alguns dias, a autópsia revelou que o menino-camaleão havia morrido enquanto dormia, sufocado pela explosão de tudo o que havia decidido não falar. Após anos sobrepondo-se calado aos ambientes, morreu esmagado por todas as canções que não conseguiu cantar, as paixões que não teve coragem de declarar e os perdões que não soube pedir.



**Hoje, morto, ele finalmente
tomou posse do seu galardão:**

**Em dois metros debaixo do
chão, após ter vivido sem
abrir seu coração, selado
com uma lápide lisa e sem
identificação, em silêncio
repousa o menino-camaleão.**





BiYiNiao do Livro

TRAGÉDIA NO ARMÁRIO

Autor

Calebe Guerra

Ilustrador

Diego Carvalho

2023